

OUTRO EVANGELHO? O “EVANGELHO” SEGUNDO OS EVANGÉLICOS



"[1] Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, [2] e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia: [3] Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, [4] que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, [5] a quem seja a glória para todo o sempre. Amém. [6] Estou admirado de que estejais vos desviando tão depressa daquele que vos chamou

pela graça de Cristo para outro evangelho, [7] que de fato não é outro evangelho, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. [8] Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregue um evangelho diferente do que já vos pregamos, seja maldito. [9] Conforme disse antes, digo outra vez agora: Se alguém vos pregar um evangelho diferente daquele que já recebestes, seja maldito." (Gálatas 1.1-9 – Almeida Século 21)

Quando nos deparamos com a introdução da Epístola de Paulo (escrita entre os anos 40 e 50 d.C.) às igrejas que ele fundara na Galácia, talvez o que mais chame a nossa atenção seja o tom usado pelo apóstolo e o estado de espírito por trás dele. Paulo está surpreso. Mas também parece zangado. Embora fosse comum que os discursos e cartas começassem com palavras de louvor aos ouvintes ou um agradecimento formal, Paulo inicia sua carta com uma repreensão direta. Nas cartas de repreensão, especialmente nas mais severas, era comum o uso de expressões como “estou admirado”. Os leitores de Paulo não tinham dúvidas de que ele estava absolutamente indignado. Esta forma literária pode ser comparada apenas às mais duras cartas de repreensão antigas.

Após saudar os cristãos da Galácia com a Graça e a Paz¹, a linguagem de Paulo, quase desde o início, é bastante incisiva. A razão é que alguns cristãos recém-convertidos estavam se deixando levar pelo o que ele chamou de “outro” evangelho² (vv. 6, 9) que não é Evangelho de fato, mas a perversão do Evangelho de Cristo (v.7). Para o apóstolo, esse fato não era um assunto de menor importância e precisava ser esclarecido, custe o que custar.

Ainda que pareça o contrário, o apóstolo Paulo não está faltando com amor em relação aos cristãos na Galácia. A postura de Paulo se dá em razão dele ser um autêntico defensor do Evangelho. Na epístola que escreveu à Igreja em Filipos, por exemplo, o próprio Paulo reconhece que, em qualquer lugar que esteja, até mesmo quando está em prisões, ele ali está “*para defesa do Evangelho*”

¹ As saudações familiares para as igrejas eram uma experiência constante do favor (Graça) de Deus e de bem-estar (Paz) que são nossos em Jesus Cristo.

² No texto bíblico, o termo "outro", do grego ἕτερον (*héteron*), significa "algo ou alguém que não é da mesma natureza, forma, classe". É de um tipo radicalmente diferente e contrário ao vocábulo ἄλλος (*állos* = "diferente") que se refere a "algo ou alguém da mesma espécie ou similar", exemplo "outro Consolador" (cf. João 14.16).

(cf. Filipenses 1.16). O termo “defesa”, do grego ἀπολογία (*apologian*), é de onde deriva a palavra “apologética”, que significa, “discurso feito em defesa contra uma acusação”. A apologética é a disciplina teológica que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias. Em outras palavras, o apóstolo Paulo era um apologista. O apologista é aquele rejeita – ainda que seja mínima – qualquer adulteração no conteúdo ou interpretação das Sagradas Escrituras. Movido pelo zelo em relação à verdade bíblica, o apologista é aquele que parte em defesa do texto sagrado. A ansiedade e a raiva expressa por Paulo são as mesmas que qualquer pai ou amigo amoroso sentiria se um filho ou colega se desviasse seriamente do caminho de Deus.

O alvo principal da fúria do apóstolo Paulo era um grupo de mestres que desencaminhavam os convertidos da igreja, ou seja, aqueles que “*querem perverter o Evangelho de Cristo*” (v. 7). Esses mestres ensinavam aos cristãos gentios convertidos que eles eram obrigados a cumprir os costumes culturais judaicos da Lei Mosaica – em relação ao que comer, à circuncisão e às demais leis cerimoniais – a fim de agradar a Deus de verdade, para só então alcançar a salvação. Para Paulo, esse tipo de ensino era abominação e adulteração dos verdadeiros princípios do Evangelho.

No período neotestamentário, distorcer o sentido semântico de uma mensagem era visto como falta muito grave. Os mensageiros que alteravam o conteúdo de suas mensagens eram submetidos a penalidades legais. Aqueles que estavam familiarizados com o Antigo Testamento poderiam comparar os que distorciam a mensagem divina aos falsos profetas (cf. Jeremias 23.16), cuja penalidade era a morte (cf. Deuteronômio 13.5; 18.20).

Em nítido jogo de palavras em grego, Paulo declara ironicamente que os cristãos da Galácia se voltaram para “outro” – ἕτερον (*héteron*) – evangelho, o qual não é “outro” – ἄλλος (*állos*) – do mesmo tipo. Seus oponentes diziam que o evangelho ensinado por eles era logicamente superior ao que Paulo pregara. Paulo se defende e afirma que os mestres da Galácia pregavam um ἕτερον (*héteron*) evangelho – “de tipo diferente”. Não é um evangelho ἄλλος (*állos*) – “do mesmo tipo”. Em seguida, Paulo ressalta as razões específicas por que não era outro evangelho do tipo que tinham recebido; na realidade, o apóstolo afirma que o evangelho recebido pelos cristãos da Galácia não era evangelho coisa alguma.

Mas antes de iniciar a defesa do Evangelho de Cristo, o apóstolo Paulo primeiro mostra suas credenciais para atuar em tal função. Ele se apresenta como “apóstolo”, do grego ἀπόστολος (*apóstolos*), que significa “*delegado, mensageiro, alguém enviado com ordens*”. O termo era aplicado especificamente aos doze apóstolos de Cristo e, em sentido mais amplo, a outros mestres cristãos eminentes – como Barnabé, Andrônico e Junias (cf. Atos 14.14; Romanos 16.7). A diferença é que estes, embora fossem enviados como missionários, eram comissionados por outros, pelos apóstolos originais ou pelas igrejas – “por meio de homem”. Paulo, no entanto, afirma que não foi enviado “*da parte de homens, nem por meio de homem algum*” (v. 1). Nenhum outro apóstolo o comissionou. Ele

foi comissionado “*por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos*” (v. 1). Paulo era Apóstolo com “A” maiúsculo, comissionado pelo próprio Jesus. Os Apóstolos com “A” maiúsculo tinham autoridade absoluta. O que *eles* escreveram é Escritura.

O apóstolo Paulo era um homem enviado com autoridade divina imediata e mensagem divina específica: o Evangelho (vv. 8-9). De modo que seu ensinamento divino serve de padrão para julgar quem ensina a Palavra de Deus corretamente e os que distorcem as Escrituras, para sua própria destruição (cf. 2Pedro 3.16), “*querendo ser mestres da lei, embora não entendam nem o que dizem nem o que afirmam com tanta confiança*” (cf. 1Timóteo 1.7).

Paulo foi educado e ensinado no Evangelho pelo Cristo presente em corpo (cf. 1Coríntios 11.23; 15.3), por meio de revelação (cf. Gálatas 1.11-12), supostamente em período de três anos (cf. Gálatas 1.15-18). A mensagem que ele possuía do Evangelho não foi conquistada. Ela foi recebida. Portanto, os ensinamentos de Paulo não é resultado de seu estudo, pesquisa, reflexão e sabedoria. É algo dado por Deus, sendo tanto intocável quanto imutável.

A imutabilidade da Palavra de Deus é algo tão concreto, que o próprio Paulo tem consciência de que nem mesmo um apóstolo pode mudar a mensagem de Cristo, revisá-la ou acrescentar algo a ela. Por isso, no versículo 8, ele diz: “*Mas, ainda que nós mesmos [os apóstolos] ou um anjo do céu vos pregue um evangelho diferente do que já vos pregamos [ensinado pelo Senhor Jesus Cristo], seja maldito [do grego ἀνάθεμα (anáthema = ‘entregue à ira do juízo de Deus’)]*”. Se transportamos o ensino de Paulo acima, para os dias atuais, podemos afirmar que nossa fonte de autoridade primacial é a Bíblia, e não a tradição. As Escrituras interpretam as Escrituras. A tradição e a própria teologia são úteis ao lado da Escritura, e não sobre ela.

Paulo está dizendo que até a sua autoridade apostólica deriva da autoridade do Evangelho, não o contrário. Ele diz aos gálatas para avaliarem e julgarem tanto o seu apostolado quanto seu ensino à luz do Evangelho bíblico. A Bíblia julga a igreja; a igreja não julga a Bíblia. A Bíblia é que cria e fundamenta a igreja; a igreja não cria nem fundamenta a Bíblia. A igreja e sua hierarquia devem ser avaliadas pelo crente à luz do Evangelho bíblico. Tampouco nossa experiência pessoal é o prumo definitivo da verdade. Não julgamos a Bíblia por nossos sentimentos ou convicções; julgamos nossas experiências pela Bíblia.

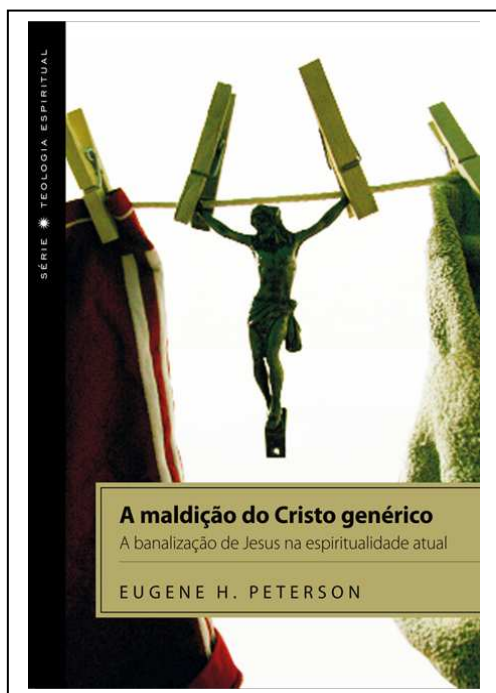
Agora, pense um pouco e responda: Como você explicaria o Evangelho para alguém que perguntasse hoje em que você acredita? A resposta para essa pergunta é de extrema importância, pois, Paulo diz que qualquer mudança no Evangelho significa transformá-lo em algo que, na realidade, não é o Evangelho (v. 7).

A mensagem do Evangelho de Cristo, defendida por Paulo, possui três tópicos principais. O primeiro é que os seres humanos, no tocante à salvação, se encontram impotentes e perdidos. “*Porque*

todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3.23). Nada do que somos ou fazemos nos salva. A isso os teólogos chamam de “incapacidade espiritual”. As mais diversas religiões ensinam caminhos pelos quais o homem pode se salvar. Mas todo esse amontoado de conhecimento e rotas alternativas é ilusão, não servem para nada. Imagine que você veja uma pessoa se afogando. Não será de nenhuma ajuda lhe atirar um manual de natação. Você não lhe lança um ensinamento – você joga uma corda. Nesse sentido, o Senhor Jesus é mais libertador do que mestre. É disso que mais necessitamos: de alguém “*para nos livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai*” (v. 4). Sendo assim, ser cristão não é ser simplesmente alguém que segue o ensinamento e o exemplo de Cristo. Ser cristão é, antes de mais, ser alguém **liberto** por Jesus (cf. João 8.32).

O segundo tópico importante do Evangelho, e que Paulo defende, é que somos libertos porque o Senhor Jesus “*se entregou a si mesmo pelos nossos pecados*” (v. 4). Temos um sacrifício substitutivo por natureza. Ele fez tudo o que precisávamos fazer, mas não conseguimos. Qualquer ato que vise complementar o sacrifício de Jesus na Cruz do Calvário é visto como segundo pagamento que, além de insuficiente, é injusto.

O terceiro e último tópico da mensagem do Evangelho de Cristo carrega a máxima de que todo o sacrifício de Jesus por nós foi feito por graça, “*segundo a vontade de nosso Deus e Pai*” (v. 4). Não pedimos socorro, mas Deus, em Sua graça, planejou o que não tínhamos percebido que necessitávamos, e Cristo, por Sua graça (v. 6), veio realizar a libertação que jamais alcançaríamos por nós mesmos. Por isso, o único que recebe “*a glória para todo o sempre*” (v. 5) é Deus.



Deus nos chamou; não fomos nós que O chamamos. E Deus nos aceitou de pronto, apesar de não merecermos. Essa é a ordem do Evangelho. Deus nos aceita, então O seguimos. Já outros sistemas religiosos propõem a ordem inversa. Temos que dar algo a Deus e então Ele nos aceita. Mudar o Evangelho no mínimo que seja, significa perdê-lo tão completamente que o novo ensinamento não tem o direito de ser chamado de “Evangelho”.

Por fim, o apóstolo Paulo ensina que aceitar outro evangelho significa se desviar daquele que o chamou (v. 6). Abandonar a teologia do Evangelho é abandonar Cristo em pessoa. O que você faz em teologia acaba afetando sua experiência. Em outras palavras, uma diferença na compreensão da doutrina leva a uma diferença na

compreensão de quem é Jesus. Isso quer dizer que a mensagem do Evangelho, por natureza, não pode ser alterada, nem de leve, sem se perder.

Nos dias atuais, infelizmente, há dezenas de “outros evangelhos” espalhados em nosso país e fora dele. Um mais estranho que o outro. São tantas as distorções que os falsos mestres fazem do texto bíblico, que é quase impossível numerá-las. Há quem coloque as bênçãos de Deus condicionadas à participação do fiel em correntes, campanhas e outras “concentrações de fé”. Outros ensinam que o cristão só é abençoado quando ele “sacrifica” alguma coisa a “Deus” – normalmente algo ligado ao dinheiro ou bens materiais. Na tentativa de suplementar a fé com obras, esses falsos mestres minam a pregação desimpedida do Evangelho, que se baseia tão somente na Graça de Deus, onde a justificação ocorre mediante a fé, independente as obras da Lei. Quando ao Evangelho se acrescenta o mérito humano, em menor ou maior grau, a graça automaticamente é excluída, ele deixa de ser o Evangelho de Cristo e passa a ser o evangelho segundo os evangélicos, onde os princípios bíblicos – outrora imutáveis – são adaptados ao gosto do freguês.

Sei que boa parte dos pregadores dos dias atuais amam a Cristo e desejam de servi-Lo com integridade, honestidade e compromisso. Entretanto, em virtude do desconhecimento das Escrituras, além é claro de não terem sido qualificados para a pregação, cometem erros que muitas vezes contribuem com a deturpação da mensagem do Evangelho. Nessa perspectiva não são poucas as ocasiões em que pregadores bem-intencionados – mas despreparados – erram feio ao transmitirem percepções equivocadas das Escrituras Sagradas.

Dentre as marcas mais comuns que caracterizam a pregação oriunda de “outro evangelho”, antagônico ao Evangelho de Cristo, podemos citar as seguintes:

- **Uso de alegorias** – que dizem aquilo que as Escrituras não ensinam – em contraposição ao método histórico e gramatical;

- **Ausência de hermenêutica bíblica** – que é a arte de enfatizar o sentido literal do texto e dar valor ao estudo das línguas originais para melhor compreensão do ensino sagrado;

- **Exagero nas expressões coloquiais e chavões eclesiásticos** – prática comum entre as igrejas pentecostais que cultivam frases do tipo: “Somos cabeça, não cauda.”, “Determine a bênção!”, “Quando eu era do mundo...”, “Queima!”, “Amém ou não amém?”, “Diga para a pessoa que está ao seu lado.”, “Repita comigo” etc.;

- **Uso de textos bíblicos fora de contexto** – e misturados segundo o próprio entendimento do pregador;

- **Forte ênfase na satisfação das necessidades humanas** – e o total desprezo pelas doutrinas fundamentais da fé cristã;

- **Foco constante em autoajuda e no bem-estar humano** – com o conseqüente abandono da exposição das Escrituras em detrimento a técnicas de autoajuda;

- **Ausência das principais doutrinas cristãs como salvação pela graça, perdão de pecados e vida eterna**, que foram substituídas por mensagens cujo apelo gira em torno do sucesso pessoal, da aquisição de bens materiais e da ostentação social;

- **Foco em riquezas e prosperidade** – cujo objetivo da mensagem é a satisfação humana e o que mais importa é a bênção de Deus sobre todos aqueles que invocarem poderoso nome do Senhor;

- **Ausência do Evangelho** – que tornam, cada vez mais raras, as mensagens que abordam o pecado, o arrependimento, a fé e a necessidade de salvação;

- **Supervalorização do poder do diabo** – e a crença de que a vida não passa de um jogo de conflitos entre forças opostas.

Se observarmos com cautela, veremos que os líderes judaizantes da época de Paulo são bem parecidos com muitos líderes eclesiais do nosso tempo. Tornou-se comum a proeminência de pastores, bispos, apóstolos etc., que proclamam o evangelho, mas o perverte, ou seja, privam-no de seu sentido. Eles perturbam os cristãos e os tornam inseguros em termos doutrinários, lhes tirando totalmente o equilíbrio. Gente assim persuade e constrange os cristãos pelo uso de pressão psicológica. E como se já não fosse o bastante, incitam à rebeldia dos fiéis contra os que figuram como apologistas.

Ninguém pode ser salvo pela observância às leis do Antigo Testamento, nem mesmo todos os Dez Mandamentos. A lei servia como uma orientação, para indicar a necessidade que a pessoa tem de ser perdoada, como uma régua, para mostrar às pessoas como elas são deformadas. Até mesmo o indivíduo mais amoroso, generoso, bondoso e moral fica aquém dos padrões de Deus. Mas Cristo satisfaz todas as obrigações da lei por nós. Nós devemos nos voltar a Ele, e somente a Ele, para sermos salvos. Não se deixe enganar por aqueles que sugerem que a realização de determinadas obras ou certos rituais religiosos é necessária para obter a vida eterna. Somente Cristo pode tornar as pessoas justas diante de Deus!

Não precisamos realizar quebra de maldições hereditárias, participar de correntes de libertação ou coisas do gênero. O sacrifício do Senhor Jesus na Cruz do Calvário foi completo e suficiente. No Evangelho de Cristo não há necessidade de adendos, complementos etc. Pela nossa salvação não há preço excedente a ser pago. A Graça de Deus nos basta.

A aceitação de uma pessoa diante de Deus vem somente por meio da fé em Cristo. Jamais devemos acrescentar nada a esta verdade, nem a distorcer. Nós somos salvos pela fé, e não pelo bem que fazemos. O privilégio de proclamarmos o Evangelho de Cristo não inclui o direito de mudá-lo. Agradar os homens ajustando a mensagem aos desejos deles é atitude inconsistente para os servos de Cristo. O que Deus espera de nós é que sejamos zelosos pela sã doutrina bem como pela inerrância das Escrituras.

Soli Deo Gloria.